

'Esporte da moda' dos aliados de Cardoso é atacar e afagar Sarney

O "esporte da moda" no PSDB e nos mais altos escalões do Governo é falar mal do senador José Sarney (PMDB-AP). Mas falar baixinho, porque o segundo esporte mais praticado é paparicar o presidente do Congresso, senhor do calendário na votação das reformas constitucionais e outros assuntos de interesse direto do Palácio do Planalto, como a prorrogação do Fundo Social de Emergência, agora Fundo de Estabilização Fiscal (FEF). Sarney, segundo um assessor e amigo, virou a "Geni" da temporada. "Sempre que erra, o Governo joga pedra no Sarney, mas não consegue viver sem ele", compara.

O ex-presidente da República não chega a tanto, mas repele com veemência qualquer acusação de que esteja atrapalhando ou atrasando o processo de reformas. "Não houve um prazo perdido, uma votação atrasada, não há nada parado no Senado", defende-se Sarney. "Acho até que com minha experiência de ex-presidente da República estou ajudando muito". Ele reconhece que tem sido criticado por ministros e líderes governistas, mas ressalva: "Não é a opinião do presidente Fernando Henrique".



Sarney, pelo poder que detém, 'apanha' por trás e é afagado de público pelos aliados de Cardoso

"Aliado" — Pelo menos no início do ano, a opinião de Fernando Henrique e de todo o Governo era de que Sarney seria o aliado ideal para comandar o Congresso, por ter experimentado as dificuldades que rondam o Planalto. "Ele não é bem um adversário, mas dá muito trabalho", avalia agora um importante

ministro tucano. Traduzindo: o Governo não vê em Sarney um muro contra seus planos, mas sabe que tem de negociar cada passo das reformas com o ex-presidente.

Sarney não é apenas um político, é uma família. Sua filha Roseana, governadora do Maranhão, cobra recursos federais em cada gabi-

nete de Brasília. Com a ajuda do pai, conseguiu receber todas as transferências constitucionais que a União deve a seu estado e aos municípios maranhense, mais uma ajuda de R\$ 40 milhões para acertar a folha de pagamento e outros R\$ 24 milhões dos ministérios da Saúde, Educação e até da extinta LBA.

Ex-presidente ensina o 'caminho das pedras'

O ex-presidente se declarou doutrinariamente contra a prorrogação do FSE, o que poderia parecer o fim do projeto, considerado fundamental pelo ministro do Planejamento, José Serra. O que ocorreu, na verdade, foi uma negociação que reduziu de quatro anos para 18 meses o prazo de vigência do novo fundo. Na Câmara, todos os votos da bancada sarneyzista foram nessa direção.

Agora o Governo Federal precisa aprovar a matéria no Senado antes do fim do ano. Sarney diz que

isso é difícil, devido aos prazos regimentais, mas já ensinou ao Planalto a fórmula para que ela caminhe na velocidade da luz: "Se houver um acordo entre os líderes para suprimir alguns prazos do regimento, a proposta passa em 23 dias", garante. "Mas isso quase não tem precedentes", avisa.

Sucessão — Para Sarney, a questão se resume à capacidade do Planalto de articular sua maioria no Senado, o que não é um problema dele. "Aqui vence quem trabalha", resume. Não farei nada para atrapa-

lhar o Governo, porque não tenho esse objetivo e compreendo as necessidades do País. Por fim, afirma que pode colaborar mas nunca manter o Congresso subordinado ao Executivo.

Num esforço para reduzir a influência de Sarney, o Planalto estimulou a candidatura do deputado Alberto Goldman (SP) à presidência do PMDB, provocando um racha no partido. Na última semana, o governo teve de sair de cena: deixou o presidente do Congresso livre

para costurar um acordo entre as correntes em luta. Isso vai garantir a Sarney uma base partidária se quiser disputar, em 1998, a sucessão de Fernando Henrique.

Sarney simplesmente se recusa a falar dessa hipótese, principalmente agora que a tese da reeleição de Fernando Henrique foi ressuscitada pelo ministro Sérgio Motta, das Comunicações. "A Presidência não se persegue", explica. "Ela é uma oportunidade que aparece na vida do político e dificilmente se repete".